

## RESENHA DE LIVRO

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VINÍCIUS SANCHES TIZZO

Desde meados da década de 1960, Carlo Ginzburg, encontra-se envolvido em uma empreitada que ele mesmo denominou por “projeto historiográfico” delineado por aspectos com acentuada peculiaridade e originalidade e, que em linhas gerais, ambiciona, ancorado na micro história, “alargar para baixo a noção de indivíduo”. Em tal projeto historiográfico, Ginzburg, anseia opor-se às generalizações originadas pela assiduidade aos aspectos quantitativos que atingem a história e ampliar as discussões sobre níveis de cultura e circularidade cultural que podem ser observadas desde seus primeiros trabalhos. *Olhos de Madeira* exige uma “leitura lenta”, aliás, como sugere alguns críticos das obras de Carlo Ginzburg, esse é o único “método” possível para leitura deste livro. A apreciação da coletânea de nove ensaios, traduz as ideias do autor quanto à imprevisibilidade do conhecimento, isto é, um processo árduo e difícil. *Olhos de Madeira*, configura-se em uma obra densa que pode tornar-se impenetrável se a leitura for desatenta. Não que o livro seja obscuro, mas pelo intenso repertório de metáforas e citações que não permite sequer um instante de desatenção, caso contrário, corre-se o risco de comprometer o entendimento do enredo exposto.

No primeiro ensaio *Estranhamento: pré-história de um procedimento literário* Ginzburg reflete sobre a necessidade de se observar o que é distante como uma estratégia possível para se compreender o que é próximo. Por meio de um mundo de personagens literários o autor convida o leitor a navegar em um processo de olhar e ser olhado, de um modo desprevensioso, mas que possibilite o exercício do estranhamento das coisas. Inclusive, neste ensaio, parece que Ginzburg percebe o estranhamento como um “antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade” (p. 41). O estranhamento não se configura em

uma técnica, mas em um processo de compreensão que permite a apreciação de uma situação quando observada de uma posição periférica ou marginal.

O segundo ensaio intitulado *Mito: distância e mentira* envolve um extenso recorte temporal desde a antiguidade até próximo dos anos dois mil. Ginzburg aborda um amplo repertório de reflexões instigantes sobre aspectos relacionados a uma multiplicidade de mitos, por exemplo, a ponderação de que tanto o emprego político da mentira quanto o falso discurso resultam no mito. Ginzburg demonstra que ao longo dos séculos a principal função dos mitos foi o controle social e a manutenção da ordem. Entretanto, no que se refere ao processo político durante o século XIX, os mitos apresentaram uma nova roupagem, que posteriormente foi intensificada no século seguinte, isto é, os mitos foram utilizados como instrumentos de propaganda para a conquista das massas, o nazismo pode ser considerado um claro exemplo desta abordagem.

*Representação: a palavra, a ideia, a coisa* é o título do terceiro ensaio apresentado em *Olhos de Madeira*. Neste capítulo Ginzburg versa sobre a representação e pondera a dificuldade de se compreender tal conceito. Como na maioria dos ensaios presentes nesta coletânea, Ginzburg privilegia uma configuração dos conceitos abordados por meio de uma problematização histórica, neste caso, o autor lembra que há muito anos, nas ciências humanas, estuda-se o conceito de representação. Ginzburg aventa que, talvez, esse investimento se justifique pela ambiguidade do termo, já que pode ser compreendido como uma realidade representada e, deste modo, evoca a ausência; ou como a visibilidade da própria realidade representada e, neste caso, sugere presença; uma imagem, por exemplo, é ao mesmo tempo presença e a substituição de algo que não existe. Analiticamente, Ginzburg aborda o dogma da transubstancialização que de uma perspectiva inaugurou um novo modo de compreender a representação e de outra tornou legítima a ideia de que o manequim que representava o rei era, de fato, o rei.

No quarto ensaio denominado por *Ecce: sobre as raízes culturais de culto cristã*, Ginzburg expõe uma íntima ligação entre a imagem e uma longa tradição cristã que, em linhas gerais, propunha a relação entre texto e visibilidade. O autor aborda diversas passagens bíblicas, em diferentes e sucessivas traduções, em que ações

concretas como ver, expor, testemunhar, são realçadas de modo que o texto apresente conotações de profecias sobrenaturais. Nestas traduções, as palavras foram carregadas de distintas interpretações que acabaram deturpando seus significados originais e, deste modo, moldando uma iconografia cristã.

*Ídolos e Imagens: um trecho de Orígenes e sua sorte* intitula o quinto ensaio de Ginzburg apresentado na coletânea *Olhos de Madeira*. Esse capítulo configura-se em algo muito próximo de uma continuação/complementação da análise apresentada no ensaio anterior, isto porque, por meio de uma apreciação de circunstâncias históricas, Ginzburg busca compreender a passagem de uma “atitude substancialmente hostil para com as imagens” para uma “atitude substancialmente favorável” (p. 122). Para isso, Ginzburg problematiza a diferença entre imagem e ídolo apresentada pelo escritor cristão Orígenes, a partir da teologia cristã. Neste sentido, imagem se configura como a representação de uma coisa existente, enquanto ídolo se traduz em uma representação fantasiosa, resultante da imaginação humana.

A discussão proposta no sexto ensaio *Estilo: inclusão e exclusão*, de certo modo, amplia as possibilidades de compreensão sobre os principais temas presentes na coletânea *Olhos de Madeira*, isto é, a relação entre história e verdade, bem como os limites e os riscos do relativismo. Neste ensaio, Ginzburg problematiza as seguintes questões: o estilo é próprio do sujeito, entendido como expressão individual ou tem haver com uma expressão coletiva, relacionada à cultura? O estilo é sensível à história, ou seja, pode variar no tempo, ou é permanente, incorporando-se às novas gerações de uma mesma cultura? Para essa problematização, algumas circunstâncias históricas são abordadas pelo autor, por exemplo, uma tradição alemã que compreendia o estilo como algo unificador de um determinado período e de uma determinada civilização, fechada em si mesma por conta de suas particularidades, deste modo, naturalmente, o conceito de homogeneidade era o que caracterizava tal civilização, e, consequentemente, o resultado foi a exclusão do diferente.

O título *Distância e perspectiva: duas metáforas* inaugura o sétimo ensaio apresentado por Ginzburg no livro *Olhos de Madeira*. Neste ensaio, o autor explora, por meio de um processo de longa duração, a argumentação que vincula perspectiva à verdade, e, para isso, analisa três tradições perspectivistas ou, em outras palavras,

três distintos modelos cognitivos que deram origem ao paradigma historiográfico contemporâneo e cujas marcas podem ser observadas nos trabalhos de Hegel, Marx e Nietzsche, a saber: o modelo da “adaptação” derivado dos trabalhos do pensador cristão Santo Agostinho, considerando a imutabilidade divina e as mudanças históricas; o modelo do “conflito” desde Maquiavel e Da Vinci, onde se busca evidenciar que a realidade é o que é, de fato, e o distanciamento é indispensável para a compreensão dessa realidade; e o modelo da “multiplicidade” desde Leibniz, caracterizado por uma valorização demarcada pela busca de uma coexistência harmoniosa em uma pluralidade de pontos de vista.

*Matar um mandarim chinês: as implicações morais da distância* é o oitavo ensaio de *Olhos de Madeira*, nele Ginzburg trata da influência da distância sobre os sentimentos humanos. Para o autor a distância no espaço ou no tempo pode relativizar as concepções humanas acerca da moral, nas palavras de Ginzburg, ancorado nas ideias de Aristóteles de que distância e proximidade são noções ambivalentes, “a distância, quando levada ao extremo, pode gerar uma falta de compaixão absoluta para com os outros seres humanos” (p. 212). Segundo Ginzburg, o ser humano, em sua vida diária, desfruta do presente e confina ao acaso e a sorte o que é distante, isto é, um espelho quebrado em nossa casa incomoda muito mais do que um grave incêndio a quilômetros de distância; o Holocausto deixa de ser tão perturbador, já que temporalmente começa a ficar distante, isto porque, suas últimas testemunhas oculares estão morrendo.

Finalmente o nono e último ensaio apresentado por Ginzburg na coletânea *Olhos de Madeira* tem como título *Um lapso do papa Wojtyla*. Neste que é o mais curto ensaio dentre os nove apresentados, Ginzburg reflete que as marcas de superioridade dos cristãos ante aos judeus, são refletidas até hoje no nosso modo de conhecer o passado e, para isso, aborda como exemplo um descuido do papa Karol Wojtyla que ao assumir a responsabilidade de, em uma sinagoga de Roma, pedir perdão aos Judeus em nome da Igreja Católica, se dirigiu aos Judeus por meio da seguinte expressão: “nossos irmãos mais velhos”, repetindo, desta forma, as palavras de São Paulo, onde o mais velho seria servo do mais novo.

A leitura dos nove ensaios presentes na coletânea *Olhos de Madeira* provoca que na história nada tem sentido se for analisado isoladamente em proveito da objetividade. Para Ginzburg, os significados dos acontecimentos encontram-se atrelados à distância entre eles e as distintas formas de observá-los. *Olhos de Madeira* propõe que o convívio com os outros seja constituído não apenas como uma experiência, sobretudo como um desafio para a história. Deste modo, quando somos observados por olhos estranhos e enigmáticos, é essencial que empreendamos um esforço em compreender o porquê deste olhar.

**AUTORES:**

**Vinícius Sanches Tizzo**, Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2011), Mestre em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2014) e Doutor em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2019). Membro do Grupo "História Oral e Educação Matemática" – Ghoem. Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG - Unidade Ituiutaba. E-mail: vinicius.tizzo@uemg.br